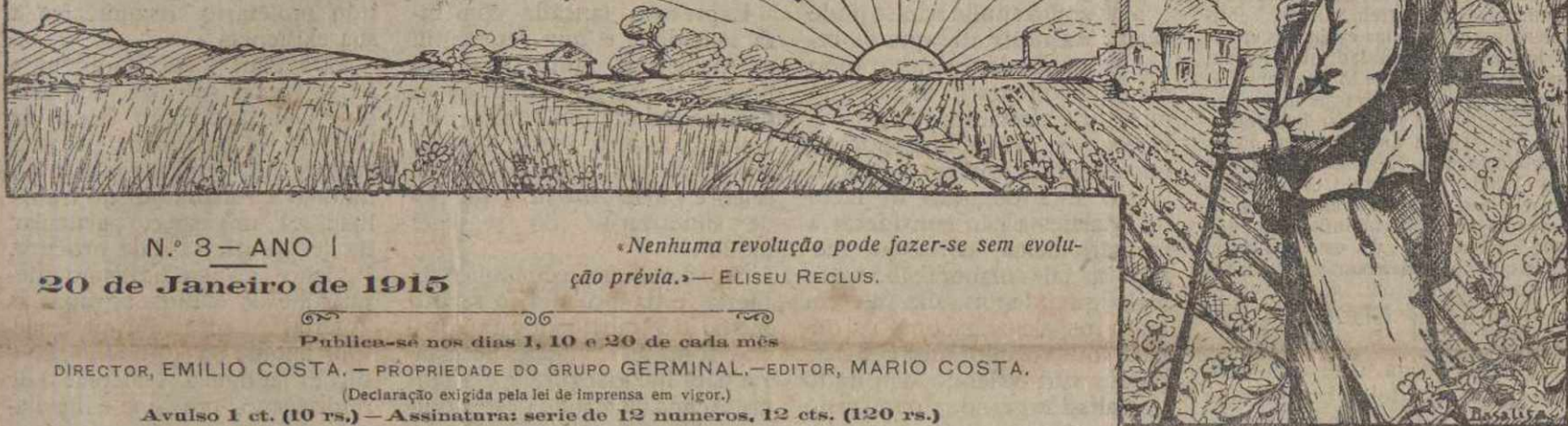


Germinal



N.º 3 — ANO I

20 de Janeiro de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se nos dias 1, 10 e 20 de cada mês

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PRÓPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: serie de 12 numeros, 12 cts. (120 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca 51, 3.º — LISBOA

Aos periodicos que noticiaram o seu aparecimento, e especialmente aos que em dobrado obsequio o fizeram com palavras de louvor e afecto, o **Germinal** envia os seus agradecimentos.

Enquanto é tempo

A vida publica em Portugal está reduzida á agitação da politica partidaria, a qual chegou a tal grau nos espiritos, pelo menos, que até os acontecimentos da guerra europeia, empalidecem perante ela. Por mais que queiramos desviar a nossa atenção do que dizem os partidarios das varias facções, nos órgãos respectivos e nas conversações que, por toda a parte, se travam, não ha maneira de tal se conseguir com eficacia, para outras preocupações, mais dignas de que com elas se gaste tempo.

As razões deste facto toda a gente as conhece, porque muitas vezes teem sido apregoadas: falta de educação civica, falta de instrução, propaganda de pura demolição entre o povo, más condições economicas do país, etc. Mas se ninguem reagir contra a corrente, vamos todos nela, quer dizer, sofremos-lhe todos as perniciosas consequências; e quando quizermos salvar-nos, será já tarde. E' preciso reagir e é ao operariado organizado que esse papel principalmente compete.

Não basta prégar a verdade, de que nada se deve querer com politicos. Ouve-se a prégação, concorda-se e aplaude-se e depois... vae-se continuar na mesma agitação, discutindo os meritos ou demeritos dos chefes, dos partidos e dos grupos, envolvendo-se na esteril agitação de apoiar sistematicamente uns e combater não menos sistematicamente outros, apoiando injustiças de amigos e negando valor ás boas ações dos adversarios.

O operariado organizado deve intervir salutarmente neste estado de coisas, pré-gando sim, mas ainda mais organisando e actuando directamente.

Ha nas questões politicas, assuntos que interessam ao proletariado e que pelos politicos são deturpados e estragados.

Pois o operariado que tome conta deles, tratando-os sob o seu verdadeiro aspecto, estabelecendo correntes contrarias ás dos politicos.

Neste momento existe um grande problema a resolver e que nem sequer está posto: é o da carestia da vida, resultante da guerra e doutrinas causas, pois que as deve haver. O problema agrava-se de dia para dia; e os governantes deixam-no ir assim, providenciando como de costume, o que dará em resultado não se poder já nada tentar, quando a crise fizer chorar e bramir os que lhe sofrerem os efeitos.

Ainda não é tarde demais, parece-nos, para se procurar atenuar os efeitos futuros da crise; mas é preciso não perder tempo. Que as organizações operarias entrem em ação, tratando a valer da questão da carestia da vida, procurando remediar o mal que está feito e impedir o que se pretenda fazer.

Depois será tarde, e não haverá moções de protesto nem indignações, nem sequer agitações que operem o milagre de não ser o povo explorado pelos gananciosos de toda a especie.

Em maré de franqueza

Declara um jornal do regimen:

«Esta carestia de tudo o que é necessario á vida, este desequilibrio economico que sufoca toda a familia portuguesa, já vem de longe, não é do momento, é, infelizmente, a obra da Republica».

Como é preciosa a declaração, aqui se regista.

Os anarquistas e a guerra europeia

Vou referir-me ao artigo de Malatesta: *Anarquistas que olvidam sus principios* «publicado na *Tierra y Libertad* de 30 de dezembro ultimo, (*) apenas nas passagens que me parecem fundamentaes para a questão.

Malatesta — e os camaradas que falam como ele — faz argumentação no espaço, se assim me posso experimentar; raciocina por dedução, o que me espanta num homem da sua cultura, o que o conduz, naturalmente, ao erro de todos os dedutivos, dos metafisicos: subordinam os fenomenos á fórmula. Por isso sucede com ele, o que succede com os dedutivos inteligentes: é parecerem facilmente que teem razão e facilmente convencerem muita gente, a qual ainda é mais numerosa, se á inteligencia se junta, como neste caso, uma grande sinceridade.

Mas tudo isto não quer dizer que não se possa errar e é o que creio succede agora; Malatesta engana-se.

Mas vamos á análise do artigo; diz Malatesta:

«Se dice que la presente situación demuestra claramente la bancarrota de nuestras fórmulas — y nuestros principios — y que será necesario renovarlos. De un modo general una fórmula debe ser revisada, siempre que al entrar en contacto con los hechos demuestre insuficiencia para resolverlos, lo que no es en el caso presente, teniendo en cuenta que la incapacidad

que ahora puede alegar-se no deriva de la incapacidad de nuestras fórmulas, pero sí de que han sido olvidadas y traicionadas.»

Está bem, menos o *traicionadas*; mas quem fala em bancarrota de *fórmulas e principios*? Se ha anarquistas que assim se exprimerem, cometem, na minha opinião, grave erro e tem toda a razão Malatesta nas palavras transcriptas.

As doutrinas, os principios e até a orientação *geral*, não falharam e não carecem portanto de revisão. O que creio que precisará modificar-se, é a tática, a orientação de detalhe na propaganda e na organização de forças contra a sociedade burgueza. Estas é que não deram o resultado que dellas se esperava.

Continuando:

«Admito portanto, que hay guerras necesarias, guerras santas, las guerras de liberación, como lo son en general las "guerras civiles", esto es, las revoluciones. Mas esta guerra tiene algo de común con la emancipación humana, y por lo tanto con nuestra causa?»

Isto quer dizer, ou eu já não sei ler, que Malatesta entende que esta guerra nada tem de comum com a causa da emancipação humana. Seria interessante que Malatesta *demonstrasse* que assim é; mas essa demonstração não se fez.

Malatesta, com as palavras transcriptas, comete o erro fundamental da sua orientação. E' claro que elle, uma vez admitida a sua maneira de ver, facilmente deduz com logica, a respectiva maneira de proceder. Mas isso acontece com todos os dedutivos, como por exemplo, os teologos. Uma vez admitido o principio que elles põem, o resto é facil. Ora é precisamente o ponto de partida que é preciso demonstrar. Depois de dizer que sempre os anarquistas combateram o patriotismo e de se mostrar admirado

(*) Depois de escrito este artigo, li no ultimo numero da *Aurora*, que o artigo de Malatesta fora publicado em 22 de novembro, neste jornal.

Não sei explicar como su edeu não ter lido o artigo na *Aurora*, pois adquirira o jornal, visto encontra-lo nos meus papeis. Talvez por ser artigo de importancia o tivesse reservado para o ler com mais socego do que na ocasião em que comprei o jornal e depois, por qualquer motivo, me tivesse passado a ideia de o ler, e esquecesse portanto a sua publicação. Outra explicação não sei dar do facto, do qual, se é peccado grave, aqui faço penitencia...

que revolucionários se associem a governos, exatamente quando a guerra vinha dar razão áqueles, diz:

«Es posible que los actuales acontecimientos demuestren que los sentimientos nacionalistas están más vivos, y los de confraternidad internacional menos arraigados de lo que pensábamos, mas eso debiera ser una razón para intensificar y no abandonar nuestra propaganda antipatriótica. Estos acontecimientos muestran también que em Francia, por ejemplo, el sentimiento religioso es más fuerte, y que el jesuitismo tiene mayor influencia de lo que suponíamos. ¿Es esto una razón para que nos convirtamos al catolicismo romano?»

Mas quem fala em *conversação*?

Quem préga que nos convertamos ás ideias burguezas?

A que vem esta comparação com o catolicismo, quando a linguagem daquelles com quem Malatesta está em desacordo, de modo nenhum a justifica? Pois não são todos a dizer exactamente o contrario, isto é, que a sua atitude não significa acordo com as ideias burguezas, que todos se mostram dispostos a combater desde que um perigo, que elles consideram maior, desapareça?

Porque não disse elle tambem que se tinha pactuado com os catolicos, visto que tem havido, como por exemplo na C. G. T. trabalhos em comum com elles?

Mas logo a seguir Malatesta diz-nos:

«Comprendo que pueden surgir circunstancias que hagan necesaria la colaboración de todos para el bien general. Por ejemplo: una epidemia, un terremoto, una invasión de bárbaros, que maten y destruyan todo lo que encuentren.»

Mas é o caso da invasão de barbaros, que matam e destroem tudo que encontram!

Simplesmente, Malatesta não considera a invasão alemã, segundo parece, uma invasão dos barbaros a que alude, e os outros consideram-na assim e fazem o que Malatesta faria se a considerasse da mesma forma. O que então havia a fazer, antes de censurar, era demonstrar que não se trata duma invasão de barbaros.

Para reforçar a sua opinião, diz depois:

«Si cuando los soldados extranjeros invaden el suelo sagrado de la patria, las clases privilegiadas renunciasen a sus privilegios y procediesen de modo que la "Patria" se tornase realmente propiedad común de todos los habitantes. sería entonces justo cobatiesen todos contra el invasor»

Mas como ninguem quer largar os seus privilegios,

«entonces los trabajadores, socialistas y anarquistas, deben dejarlos que arreglen y aprovechar la oportunidad para librar-se de sus opresores del interior así como de los que vengam del exterior.»

Argumentação no espaço...

Aproveitar a oportunidade!

Mas é a peor oportunidade, a que se apresenta nestas circunstancias! Pois se os revolucionarios fossem capazes de, nestas condições, se livrarem dos inimigos de dentro e de fora, com muita mais facilidade

de se poderiam livrar dos de dentro, fazer a revolução, antes, sem os multiplos entraves que embaraçariam a sua acção em tempo de guerra.

Mas como aquilo não se pode fazer, Malatesta diz que os revolucionarios devem negar todo o auxilio voluntario á causa do inimigo e afastarem-se para salvarem os principios, porque isso significa salvar o futuro.

Isto é a dedução do facto de Malatesta não considerar a invasão alemã, coisa que mereça a tal colaboração, tanto mais que depois, diz valerem tanto os alemães como os outros, todos exploradores e despotas, não valendo o triunfo dos aliados grande coisa, visto que contem perigos para o futuro, como os contem o triunfo dos alemães.

Sobre o resultado da guerra conclue:

«Así, pues, a mi manera de ver, lo más probable es que no habrá victoria definitiva de ningún lado. Después de una larga guerra, una enorme pérdida de vidas y riquezas, exhaustas ambas partes, pactarán una paz cualquiera, dejando las cuestiones abiertas, preparando así una nueva guerra más mortífera que la actual.»

Os acontecimentos nos dirão se o conflito se terminará como no-lo diz Malatesta; agora parece-me cedo para previsões; ha-de succeder ainda tanta coisa!

Mas diz-nos a seguir:

«La única esperanza es la revolución; y como entiendo que de la Alemania vencida, teniendo en cuenta el actual estado de cosas, sería probable estallara la revolución, por esta razón — únicamente por esta — deseo la derrota de Alemania.»

D'acordo! Mas então sempre parece haver nesta guerra alguma coisa de comum com a emancipação humana! Mas se Malatesta deseja a derrota dos alemães, porque se insurge contra os que, desejando o mesmo que ele, colaboram para essa derrota, conforme o seu temperamento, as circunstancias em que se encontram, as ideias que teem sobre a significação politica e social da guerra, os sentimentos de revolta e as ideias de defeza provocadas pela invasão dos que «matam e destroem tudo que encontram»?

Para mim, que sou um partidario da teoria das *ideias-forças* de Fouillé, o desejo de Malatesta é um começo de colaboração com as forças dos aliados, que se torna num verdadeiro acto, pela sua publicação, que é importante atendendo ao valor da pessoa que formula o desejo.

Outras sentiram, por varias razões, desejo ou necessidade de colaboração mais estreita; é tudo uma questão de grau de expressão do mesmo desejo, do mesmo fim a atingir. E' verdade que Malatesta explica-se a proposito do seu desejo noutro artigo.

Mas fiquemos por aqui, que isto já vai longo demais.

(Continua)

Emilio Costa.

Primeiras letras

Que é a lei de bronze?

Expressão lançada com rara felicidade e que repercutiu na Alemanha, tanto como em França o dito de Proudhon «a propriedade é um roubo», foi aplicada a uma teoria exposta em 1863 por Lasalle na sua celebre *Carta Aberta*, e que pode sintetizar-se do seguinte modo:

Sob o regimen economico da oferta e da procura, o salario medio do trabalhador é reduzido á soma strictamente necessaria para lhe assegurar a existencia. Acima ou abaixo deste minimo, não pôde ter muita permanencia. No primeiro caso, porque o aumento prolongado dos salarios, determinando um aumento de bem estar, não só elevaria o numero dos casamentos proletarios, como os anteciparia ao normal; e assim a classe operaria aumentaria em numero, haveria cada vez maior oferta de braços e os salarios diminuiriam. No segundo caso, porque a baixa extrema dos salarios determinaria a emigração, a miseria, a diminuição da natalidade; e daí falta de braços, e portanto aumento de preço da mão de obra.

Quere dizer: salvo ligeiras oscilações para mais ou para menos, os salarios mantem-se estacionarios no valor minimo da subsistencia indispensavel ao trabalhador: e isto é uma lei geral, lei ineluctavel, lei de bronze.

A esta doutrina, no fim de contas igual á teoria do salario de Ricardo, Smith, Turgot, etc., — em todo o genero de trabalho deve acontecer, e acontece na realidade, que o salario do operario não excede o que lhe é necessario para sua subsistencia — opõem-se varios economistas, que, apegados a Malthus, clamam que longe, de ser o bem estar, é a miseria que torna o trabalhador mais prolifico, e bem-assim os socialistas marxistas que pretendem que «o exercito de reserva industrial (dos operarios sem trabalho)» permite ao capital fazer descer os salarios e mante-los abaixo do referido minimo.

A «lei de bronze», defendida por Guesde, com desagrado de Lafargue, e da qual Vandervelde havia de escrever que é uma *daquelas verdades rançosas de que fala Ibsen, em caminho de se tornar uma contra-verdade*, foi abandonada depois do congresso de Halle (1890) pelo partido socialista alemão (marxistas e lassalianos unidos desde o congresso de Gotha, em 1875).

Entre nós, porém, ainda em Julho de 1904, Azedo Gnecco, de ferula erguida para o sr. Fernandes Alves, ditava ao *Primeiro de Maio*, de Lisboa:

«A lei de bronze existe, infe-

lizmente, e embora a *burguesia altruísta* a negue com a tenacidade dos teimosos, todos os sociologos de valor, tanto do partido burguez, como do partido proletario, reconhecem a sua existencia.»

Para Paul Louis tambem a *lei de bronze* subsiste. Significa que num momento dado da historia, o patronato procura sempre lutar para reduzir ao minimo a retribuição do trabalhador. E' um aspecto particular da lei da oferta e da procura. Pertence ao sindicalismo atenuar-lhe os efeitos, agrupar as «ofertas» de trabalho para melhor impor, na «procura», condições humanas, sem receio de reformismo, pois que é inevitavel a hora em que a acção sindical esbarre nos fundamentos do sistema capitalista, na resistencia suprema da classe possuidora, em que as colectividades operarias vejam que os quadros do regimen deteem a sua evolução e reconheçam a necessidade da transformação integral.

Abc.

P. S. — A pessoa que colige os dizeres desta secção, julga conveniente declarar que não obedece a qualquer ordem preconcebida. Os assuntos succeder-se-hão ao acaso, só uma ou outra vez ao sabor dos acontecimentos.

O parlamento agora... e sempre

Como os senhores do governo lhe tomassem as redeas — assim se dizia noutros tempos — para fazerem as eleições, alem do mais, o órgão central socialista obtemperou:

«Nos países que estão em guerra, a acção parlamentar paralisa. Os parlamentares só reúnem quando os altos interesses do Estado o aconselham. Fora disso, ha mais importantes assuntos a tratar do que o cultivo da verborrhéa».

Não está de todo mal o reparo, não, senhor. Mas sendo assim, o anti-parlamentarismo deve ter-se por coisa diversa do que lá pelo partido se inculca. Ou não?

Uma oferta valiosa

E' com grande prazer que registamos a oferta feita ao *Germinal* por um grupo de operarios do Arsenal do Exército. Alguns amigos das ideias que o nosso jornal defende, sabendo que são sempre grandes as dificuldades com que lutam as publicações como a nossa, decidiram cotisar-se e enviarem-nos com que mobilassem a redação. E assim recebemos 18 boas cadeiras, uma secretaria e um lavatorio, o que constituiu, como reconhecerão os que em lides de jornais se teem metido, uma prova de solidariedade de alto valor que se não pode esquecer. Um grande obrigado, pois, pela oferta e pela manifestação de solidariedade que eia traduz, a qual nos vem animar mais ainda para a lucta.